

MILLENNIUM

A grande revolução dos direitos humanos

Gandhi lutou pacificamente pela independência da Índia, mas sabia que isso não bastava para criar uma sociedade justa; ele combateu ao mesmo tempo o colonialismo e a opressão ao indivíduo

ALAN BRINKLEY

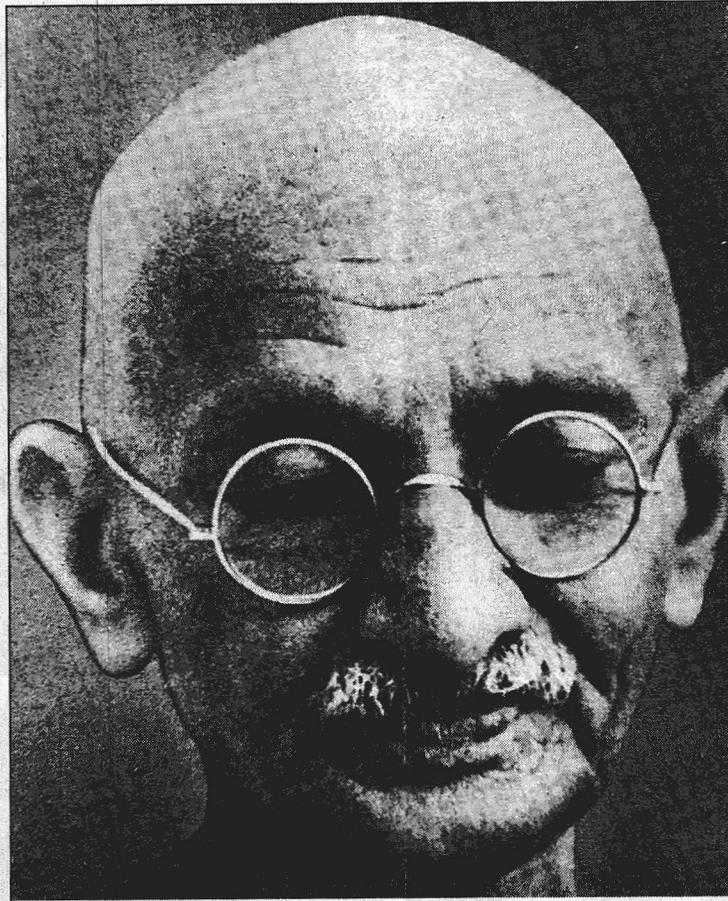
The New York Times Magazine

Na primavera de 1930, Mohandas K. Gandhi – um advogado de pouca importância – liderou um pequeno grupo de seguidores numa marcha de 380 quilômetros através da Índia, de Sabarmati a Dandi, no litoral, para protestar contra a decisão do governo britânico de cobrar um pequeno imposto sobre o sal. Em todos os lugares por onde passava, camponeses e aldeões acorriam em grande número para ouvir sua mensagem de libertação pessoal e nacional. Quando chegou ao litoral – onde produziu sal

**IDEIA É A MAIS
PODEROSA DA
HISTÓRIA
MODERNA**

ilegalmente, fervendo água –, já havia mobilizado milhares de indianos na oposição à política britânica e impressionado o governo local ao demonstrar, quase que pela primeira vez na história, o enorme poder da revolução pacífica, sem violência. O abalado vice-rei britânico, em carta enviada a Londres, disse que “a influência pessoal de Gandhi ameaça criar uma situação de constrangimento real; ele já obteve um sucesso con-

siderável ao minar a autoridade do governo”. A satyagraha (termo usado por Gandhi para um ato de resistência pacífica a serviço de uma verdade moral) do sal foi um dos primeiros eventos importantes de sua campanha de 17 anos pela independência da Índia. Mas Gandhi acreditava que o fim do colonialismo, por si só, não era suficiente para criar a sociedade justa com que sonhava. Ele defendia também o fim da intocabilidade – a mais extrema forma de discriminação e ostracismo social da sociedade indiana – e igualdade religiosa e sexual. O mito de Gandhi cresceu de tal forma desde seu assassina-



Gandhi: ele também sonhava com o fim das desigualdades

transformou a vida de forma mais fundamental. A luta pelos direitos humanos também não foi a mais bem sucedida. Os ideais da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, continua a ser pouco mais que uma esperança, se tanto, em muitas partes do planeta. Mas de todas as revoluções ocorridas desde o início da histó-

ria moderna, a revolução dos direitos humanos parece ser a que tem o mais forte apelo moral.

A luta pelos direitos humanos tem uma longa história. Suas raízes se encontram na Antiguidade, no Renascimento e no Iluminismo. Ela encontrou sua expressão na Revolução Francesa e na Revolução Americana.

Ela é o fundamento de um dos maiores projetos morais do século 19, a abolição da escravatura, e foi, dessa forma, motivo central da Guerra Civil Americana. Mas o século 20 assistiu a uma impressionante expansão dessa idéia e, em muitos países, da realidade concreta dos direitos humanos. O virtual fim do colonialismo formal em todo o mundo e a expansão de pelo menos alguma forma de democracia para a maior parte do mundo é um dos produtos dessa gigantesca revolução. O mesmo pode ser dito a respeito das lutas sociais – exemplificadas pelo movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, pela luta contra o apartheid na África do Sul, pelo levante contra os regimes comunistas no Leste Europeu, pelo movimento pró-democracia na China, o movimento feminista, a liberação de gays e lésbicas e tantos outros – para estender essas liberdades e direitos a todos os indivíduos e pôr fim a padrões seculares de discriminação e opressão.

A maioria das grandes revolu-

ções criam grandes aspirações e nunca conseguem conseguir alcançá-las em sua plenitude, isso quando não traem completamente seus ideais. A Revolução Americana rapidamente estabeleceu limites para a noção de liberdade que foi sua inspiração, excluindo dela os negros, os índios e, em certa medida, as mulheres. A Revolução Francesa produziu uma onda de fúria assassina seguida por mais um século de monarquia. As revoluções russa e chinesa criaram opressão, tirania e estagnação. A revolução dos direitos humanos, porém, não apenas criou aspirações, mas é uma aspiração em si mesma. As idéias que plantou na mente dos homens e mulheres de todo o mundo são talvez a mais poderosa e inspiradora força da história moderna. (Tradução de Ruth Helena Bellinghini)

■ Alan Brinkley é professor de História na Universidade de Colúmbia e autor de ‘*Liberalism and Its Discontents*’.

